ROBERTO RODRIGUES

Generalizações e certezas



TEMOS uma tendência a generalizar conceitos, emitindo julgamentos ridiculamente simplistas. Nossa extensão territorial, a diversidade étnica, cultural, edafoclimática, tecnológica, fundiária e mais a horrorosa distribuição de renda impedem a generalização e, exatamente ao contrário, exigem a setorialização e a especificidade.

É comum escutar que todo político é corrupto. Mas é falso. Temos governantes honestos, capazes e eficientes, aos montes; legisladores brilhantes e criativos. São eles que conduzem o país, mas não aparecem. Ah, mas a justiça está podre, outra falácia. Tem juiz corrupto? Tem. Tem uma rapaziada jovem demais a emitir sentenças sem saber o que é a vida, apesar do bom preparo técnico e de boa vontade? Tem. Tem promotor ideologicamente comprometido, e portanto injusto? Tem. Mas não é a regra geral. E por isso a polícia é inoperante? Outro erro. Tem muito policial ganhando pouco, correndo riscos exagerados, lutando com condições precárias, carros velhos e armas superadas para manter a ordem sem ser arbitrário.

É como dizer que todos os empresários sonegam imposto. Ah, não fossem eles, gerando empregos, riquezas, bens e serviços, sustentando investimentos em educação, saúde, infra-estrutura. Mas alguns sonegam sim, e levam para a vala comum os empreendedores que vão construindo o país com imensa dificuldade, especialmente os agricultores, esses heróis tão injustamente alcunhados de caloteiros. São eles que geram, com suas cadeias produtivas, mais de um terço do PIB nacional, bem mais de um terço dos postos de serviço, 40% das exportações. São eles que salvam nossa balança comercial dentro do conceito de multifuncionalidade. E, surpreendentemente, são generalizadamente tidos como atrasados.

Dizer que todo jogador de futebol tem miolo de galinha, que a Igreja Católica toda é esquerdista, que todos os movimentos sociais são revolucionários ou justos é absolutamente errado. Essa mania de generalizar tem conseqüências negativas para a imagem do país, até porque não faltam brasileiros que vivem de "denunciar" nossas mazelas a organismos internacionais, em vez de cuidar aqui dentro de resolvê-las. Não é à toa que, em recente pesquisa encomendada pelo Itamaraty nos Estados Unidos, 39% dos entrevistados pensam que falamos espanhol e 23% acham que nossa capital é Buenos Aires.

Não sabemos fazer o bom *marketing* do nosso país, mostrando nossas maravilhas. Só generalizamos o ruim, e o mundo acha que somos todos queimadores de floresta tropical, vivemos do carnaval e do futebol, nossas cidades são lotadas de meninos de rua e nossos campos de sem-terra. É claro que todos esses problemas existem, mas estão sendo enfrentados e existem progressos concretos que os denegridores não querem aceitar.

Não enxergam que o PIB da Argentina é igual ao PIB do interior do estado de São Paulo, que o do Chile é do tamanho do PIB da grande Campinas e o do Uruguai equivale ao PIB do bairro de Santo Amaro, em São Paulo, segundo o professor Luiz Almeida Marins Filho.

Não querem saber que o Brasil equivale economicamente à soma da Suécia e Espanha, ou de Taiwan mais Rússia, ou da Dinamarca, Bélgica e Holanda juntos. Que no interior de São Paulo, 97% das residências têm geladeira, 94% têm TV a cores, 91,3% têm máquina de lavar e 78,3% têm videocassete. Somos o segundo maior mercado mundial de helicópteros, jatos executivos, microondas, celulares, fax e equipamentos de mergulho. Nossa classe média tem 28 milhões de pessoas. Isso é certo.

Mas, de generalizações em generalizações, os brasileiros destroem a imagem do Brasil? Mentira: são alguns brasileiros só, não vamos generalizar.

Na verdade, precisamos assumir que somos uma das 10 maiores potências do planeta, e não podemos mais nos colocar como republiqueta das bananas. Precisamos ocupar o espaço de potência emergente que somos. Há que ter certeza disso, e agir com firmeza na defesa dos nossos interesses, sobretudo nos fóruns internacionais de caráter comercial. Agora mesmo, o comissário europeu para a OMC, Pascal Lamy, disse, prepotente, que a União Européia não aceita discutir a agricultura isoladamente na Rodada do Milênio. Só se for para ser usada como moeda de troca.

Ora, ele pode dizer isso, está defendendo seus interesses. Mas nós não podemos enfiar o rabo entre as pernas e aceitar isso sem reagir. Nós queremos diferentemente deles, e precisamos exigir respeito às nossas demandas.

Não podemos admitir que estrangeiros também generalizem no estilo "Todos os brasileiros são negociadores fracos e medrosos".

Chega de generalizações. Precisamos de certezas.

Roberto Rodrigues é engenheiro agrônomo e agricultor, presidente da ACI e da ABAG e professor de economia rural da Unesp.